

29-07-2021

**MEU NOME É...****JORGE DE LIMA****Gyslaine Daureu Weltz**

[Estudante de Literatura]

*Quando me perguntam o porquê de minha mudança constante da estética, respondo que tenho fome do eterno, do essencial, do universal. Não venho para a presente fase de minha poesia por ter falhado como poeta 'modernista', apenas brasileiro. Vi meus poemas se popularizarem. E hoje eles já não me satisfazem mais. Tenho verdadeiramente fome do universal. Não sei porque me chamam de príncipe dos poetas alagoanos. Serei alagoano por ter nascido em União dos Palmares ou serei brasileiro por ter pai pernambucano, mãe sergipana, mulher paraense e ter estudado medicina na Bahia e morado no Rio de Janeiro? Ou será porque em 1907, aos 14 anos, fiz meu poema dos que acendem lampiões?*

*Lá vem o acendedor de lampiões na rua!  
Este mesmo que vem infatigavelmente,  
Parodiar o sol e associar-se à lua  
Quando a sombra da noite enegrece o poente!  
Um, dois, três lampiões, acende e continua  
Outros mais a acender imperturbavelmente,  
.....  
Ele que doira a noite e ilumina a cidade,  
Talvez não tenha luz na choupana em que habita.*

*Em meu consultório no Rio de Janeiro, na Cinelândia, no prédio do Bar Amarelinho, eu clínicava todos os dias, das três às cinco da tarde. Antes e depois das consultas era lá meu ateliê onde eu recebia meus amigos Murilo Mendes José Lins do Rêgo.... Deve ter sido lá que eu escrevi um pequeno texto para Portinari...*

O grande desastre aéreo de ontem

*Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado com a hélice. E o violinista em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradivárius. Há mãos e pernas de dançarinas arremessadas na explosão. Corpos irreconhecíveis identificados pelo Grande Reconhecedor. Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires.  
Vejo a nadadora belíssima, no seu último salto de banhista, mais rápida porque vem sem vida. Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, como se dançassem ainda.  
E vejo a louca abraçada ao ramalhete de rosas que ela pensou ser o paraquedas, e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa.  
E o sino que ia para uma capela do oeste, vir dobrando finados pelos pobres mortos. Presumo que a moça adormecida na cabine ainda vem dormindo, tão tranquila e cega!  
Ó amigos, o paraplático vem com extrema rapidez, vem como uma estrela cadente, vem com as pernas do vento.  
Chove sangue sobre as nuvens de Deus.  
E há poetas míopes que pensam que é o arrebol.*

*Quando lancei, em 1927, O Mundo do Menino Impossível, Manuel Bandeira deu-me a entender que eu ingressava no modernismo, pois quando o menino renegava brinquedos refinados era eu que devia estar renegando a poesia tradicional, parnasiana. Talvez. Até porque passei a me dedicar um pouco mais ao folclore e à cultura negra (e também à Política).*

O mundo do menino impossível

*Fim da tarde, boquinha da noite com as primeiras estrelas e os derradeiros sinos.*

*Entre as estrelas e lá detrás da igreja surge a lua cheia para chorar com os poetas.*

*E vão dormir as duas coisas novas desse mundo: o sol e os meninos.*

*Mas ainda vela o menino impossível aí do lado enquanto todas as crianças mansas dormem acalentadas por Mãe-negra Noite.*

*O menino impossível que destruiu os brinquedos perfeitos que os vovós lhe deram:*

*o urso de Nürnberg,  
o velho barbado iugoslavo,  
as poupées de Paris aux cheveux crêpes,  
o carrinho português feito de folha-de-flandres,  
a caixa de música checoslovaca,  
o polichinelo italiano made in England,  
o trem de ferro de U. S. A.  
e o macaco brasileiro de Buenos Aires  
moviendo la cola y la cabeza.*

*O menino impossível que destruiu até os soldados de chumbo de Moscou e furou os olhos de um Papai Noel, brinca com sabugos de milho, caixas vazias, tacos de pau, pedrinhas brancas do rio...*

*Faz de conta que os sabugos são bois...*

*Faz de conta... Faz de conta... E os sabugos de milho muge como bois de verdade... e os tacos que deveriam ser soldadinhos de chumbo são cangaceiros de chapéus de couro... E as pedrinhas balem!*

*Coitadinhas das ovelhas mansas longe das mães presas nos currais de papelão!*

*É boquinha da noite no mundo que o menino impossível povoou sozinho!*

*A mamãe cochila. O papai cabeceia. O relógio badala.*

*E vem descendo uma noite encantada da lâmpada que expira lentamente na parede da sala...*

*O menino pousa a testa e sonha dentro da noite quieta da lâmpada apagada com o mundo maravilhoso que ele tirou do nada...*

■

*Acho que no fundo, bem lá no fundo, eu nunca deixei de ser um menino impossível num mundo impossível!.....*

■■■

Nota do Editor: A autora, Gyslaine Weltz, ao falar da poesia brasileira, como ela mesma diz, mergulha na essência do/da, autore/as, exerce uma alteridade psico-arqueológica, transmuta-se nele/as...

**OBS.** Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.